

O MODO COMO ALUNOS DE ENSINO FUNDAMENTAL VISUALIZAM AS NOÇÕES DE LINGUAGEM, LÍNGUA E GRAMÁTICA.

Mauricio Da Silva Junior (UFRN)

mauriciosagga@hotmail.com

RESUMO

Esta pesquisa investiga como são concebidas as concepções de Linguagem, Língua e Gramática nas práticas de sala de aula em uma turma do 9º ano, no Ensino Fundamental, de uma escola pública da cidade do Natal/RN. Para tanto, foram empregados e analisados questionários, desenvolvidos e aplicados a alunos e o professor da referida turma. Neste cenário, a pesquisa analisa, de certo modo, as práticas de ensino de língua e as metodologias utilizadas pelo professor que permitem aflorar as concepções veiculadas na sala de aula. Observamos, ainda que, preliminarmente, as concepções de Língua, Linguagem e Gramática encontram-se aprisionados a um saber tradicional em que o aluno está em uma posição de “aprender” a estrutura e funcionamento da língua, sem que ele esteja implicado e seja um sujeito constitutivo da própria linguagem. Trabalhos e estudos desenvolvidos por Antunes (2003), Travaglia (2006), Possenti (1996), Geraldi (2001), Neves (2004) e outros estudiosos têm mostrado a necessidade do professor redimensionar a posição do aluno frente às concepções dos conceitos analisados. Metodologicamente, a pesquisa coleta e analisa os dados sem a interferência direta do pesquisador, embora o questionário tenha sido elaborado por ele. Na elaboração do referido questionário levou-se em consideração a experiência do próprio pesquisador em sala de aula e as práticas e métodos de ensino, como o livro didático, e os efeitos (ou não) das diretrizes dos PCN, no que tange às ações do professor em sala de aula e o trabalho com a linguagem. O questionário analisado neste trabalho, especificamente, tem as respostas do aluno como ponto central, embora tenhamos, na pesquisa maior, empregado questionários para os professores. Em uma conclusão, ainda que preliminar, foi possível observar através das respostas dos alunos dois fatores específicos: 1. a dificuldade em estabelecer as diferenças entre as referidas noções; 2. a concepção de gramática parece não apenas sobrepor-se às outras, mas confundir-se com elas. Provavelmente, estas questões sejam resquícios da própria dificuldade entre delimitar aquilo que é da linguagem, da língua e da gramática, além do fato de que, tradicionalmente, a noção de gramática tenha se confundido com elas, não apenas nos livros didáticos ou programas de diretrizes e bases, mas no próprio processo ensino-aprendizagem na sala de aula, marcado, de modo geral, como finalidade básica a aprendizagem de conteúdos desenhados pelo acúmulo e memorização de nomenclaturas gramaticais, em detrimento, ainda, do trabalho com a diversidade de textos e linguagens, bem como da produção de texto.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino-aprendizagem, língua e linguagem, gramática.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como foco principal investigar como alunos concebem as concepções de Linguagem, Língua e Gramática nas práticas de salas de aulas do 9º ano, nas instituições do Ensino Fundamental, as pesquisas mostram que o ensino de Língua Portuguesa nas escolas ainda privilegia os saberes relacionados à tradição do ensino de gramática. Tendo em vista que, a língua é entendida como a evolução de instrumento de interação social e

Mostram que, na escola, as atividades não são conduzidas no sentido de desenvolver as habilidades necessárias à plena competência dos saberes relativos aos usos sociais da língua.

Neste cenário, a pesquisa analisa, de certo modo, as práticas de ensino de língua e as metodologias utilizadas pelo professor que permitem aflorar as concepções veiculadas na sala de aula. Com isso, objetivamos trazer à tona as mudanças ou necessidades das mesmas no que referentes à qualidade de aula praticada no ensino, buscando alternativas possíveis para desmitificar a forma como se tem trabalhado os conteúdos de língua portuguesa (LP).

A metodologia foi através da aplicação de um questionário para os seus alunos com o intuito de coletar dados que subsidiassem nossa pesquisa. Para tanto, os estudos empreendidos por Antunes (2003), Travaglia (2006), Possenti (1996), Geraldi (2001), Neves (2004), focalizando esse tema, nortearam este estudo. Através da coleta de dados, em duas escolas diferentes uma localizada no Município de Natal/ RN, a Escola Municipal Antônio Severiano e a outra no Município de Pitangui/RN, a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Lígia Navarro. Esses dados estão na pesquisa maior foi feita a análise cujos dados obtidos iniciamos a investigação e análise. Acreditamos que os resultados que obtivemos venham nortear na solução de possíveis problemas no ensino ou minimizá-lo seus impactos.

Este trabalho é organizado em dois capítulos, no primeiro apresentamos um revisão bibliográfica sobre o tema e no segundo divulgamos os dados analisados após verificar e analisar as concepções praticadas no ensino, como são trabalhados e como os alunos concebem esses conceitos.

1 A CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM, LÍNGUA E GRAMÁTICA.

Dentro do âmbito do ensino da língua portuguesa, alguns profissionais têm-se mostrado desconhecedores das novas metodologias de ensino e conceitos inovadores quanto ao ensino da língua portuguesa. Embora alguns autores venham trabalhando, refletindo e insistindo pelas inovações na prática no ensino de língua portuguesa. Sendo assim, começamos com um sumário entendimento e definições a respeito das concepções de ensino.

De acordo *Travaglia (2006)* e *Possenti (2006)*, ambos consideram a linguagem como expressão do pensamento, instrumento de comunicação ou processo de interação, e a língua como um código, ou seja, um conjunto de signos que se combinam para transmitir uma mensagem ou informação de um emissor a um receptor. Quanto à gramática, os autores definem três tipos diferentes de gramática cuja nomeação podemos identificá-las como sendo Gramática Normativa, Gramática Descritiva e Gramática Internalizada.

Uma vez que a questão levantada nesse trabalho é a concepção de ensino da linguagem, língua e da gramática, é preciso falar o que se entende por cada um desses temas. No decorrer deste capítulo, iremos discorrer acerca dessas três concepções feitas por alguns estudiosos da Língua.

1.1 LINGUAGEM

Travaglia (2006) destaca três concepções de linguagem. A primeira, ele vê a linguagem como expressão do pensamento que se constrói no interior da mente, e sua exteriorização é apenas uma tradução sem a menor influência do outro. Na segunda, como instrumento de comunicação um meio para que aconteça a comunicação. Na terceira, a linguagem é vista como forma ou processo de interação. É nessa última concepção que iremos enfatizar o nosso trabalho, visto que a linguagem não é um processo pelo qual se faz uso para traduzir ou exteriorizar um pensamento, ou até mesmo transmitir informações, mas sim para realizar ações, atos de fala atuando sobre o interlocutor. Sendo assim a linguagem é um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido

entre os interlocutores, em uma dada situação comunicativa, em determinado contexto sócio histórico e ideológico.

Desta forma, o diálogo, em sentido amplo, é o que caracteriza a linguagem. Sobre isso o autor enfatiza que;

[...] a maneira como o professor concebe a linguagem e a língua, pois o modo como se concebe a natureza fundamental da língua altera em muito o como se estrutura o trabalho com a língua em termos de ensino. A concepção de linguagem é tão importante quanto à postura que se tem relativamente à educação. (TRAVAGLIA, 2006, p.21).

De acordo com Geraldi (2001), estas concepções correspondem a três grandes correntes dos estudos linguísticos: A gramática tradicional; o estruturalismo e o transformacionalismo; e a linguística da enunciação. Segundo o autor, a terceira concepção de linguagem acredita que ela implicará em uma postura educacional diferenciada na qual a linguagem é um lugar de constituição de relações sociais, onde os falantes se tornam sujeitos.

Segundo os PCN(1998,p.20) do 3º e 4º ciclos do ensino fundamental, a concepção de linguagem se concebe como uma ação interindividual, orientada por uma finalidade específica um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos momentos distintos de sua história.

1.2 LÍNGUA

Numa abordagem tradicional o ensino da Língua Portuguesa tinha uma visão de que a linguagem expressava o pensamento, organizado por meio de regras que ditavam o que fazer e como fazer. Essa concepção fez com que o ensino da língua materna se tornasse mecânico, de maneira que a memorização passou a ser um princípio de aprendizagem. “A língua é entendida como um sistema de representação do mundo está presente em toda área de conhecimento.” (PCN, 1998.p.31). Então decorar as classes gramaticais, regras de pontuação, concordância, regência, entre outras mais, ou a classificação de termos e de função numa exploração metalinguística constituía o ensino da língua.

No entanto, inquietações linguísticas apresentam uma nova visão de língua. Esta como sendo dinâmica, interativa, discursiva, inserida numa prática social que envolve falantes, situação e propósitos comunicativos. Geraldi diz que:

Entretanto, uma coisa é saber a língua, isto é, dominar as habilidades de uso da língua em situações concretas de interação, entendendo e produzindo enunciados, percebendo as diferenças entre uma forma de expressão e outra. Outra, é saber analisar uma língua dominando conceitos e metalinguagens a partir dos quais se fala sobre a língua, se apresentam suas características estruturais e de uso. (Geraldi 2003, p. 45-46).

Para o autor, o ensino de língua deve levar em consideração as relações interpessoais que por ela transcorre, portanto, devemos ter ciência de “o que” vamos ensinar e “para que” ensinamos. (grifos do autor)

O termo língua recobre, para alguns, apenas uma das variedades linguísticas utilizadas pelas comunidades de pessoas cultas, de língua padrão ou norma culta. As outras formas de falar ou escrever são considerados como não pertencentes à língua. Segundo conceito de língua, a gramática do tipo dois, também é excludente em relação aos fenômenos linguísticos por incluir apenas partes do que é aceito correto na fala, ou seja, incluí-la apenas de certos

modos. Isso exclui o papel do falante no sistema linguístico, define a língua como um meio de comunicação, onde não há interlocutores, mas emissores e receptores, codificadores e decodificadores. Terceiro conceito de língua, os falantes não falam uma língua uniforme e não falam sempre da mesma maneira, considera que a língua é um conjunto de variedades utilizada por uma determinada comunidade, reconhecidas como heterônimas. Isto é, formas diversas entre si, mas pertencentes à mesma língua. “A língua só tem existência no jogo que se joga na sociedade na interlocução. E é no interior do seu funcionamento que se pode procurar estabelecer as regras de tal jogo”. (GERALDI, 2001, p. 42). A língua é um mecanismo que se cria por meio da fala. As condições devem ser preenchidas por um falante pra falar de determinada forma em uma situação concreta de interação. (GERALDI, 2001, p. 49-50).

1.3 GRAMÁTICA

É comum ouvirmos dos alunos em sala de aula, perguntarem para que ensinar gramática, ou então onde é que vou usar “isso”, no caso alguns dos conteúdos da gramática da língua Portuguesa. Por mais que se tente explicar que a necessidade do ensino de gramática junto a outros ensinamentos garantirá um bom desempenho, melhor expressão parece vaga a nossa argumentação. Contudo, percebemos que a prática de ensino só se preocupa com o conhecimento de regras da norma padrão, ou seja, está totalmente desvinculada da aplicabilidade de uso em práticas sociais. Dessa forma, o ensino de gramática limita-se a transmissão de conteúdo, regras e exercícios expostos nas gramáticas e livros didáticos.

Possenti (1996, p.64, grifo do autor), embora não ache muito precisa, mas diz valer como guarda-chuva, define gramática como um conjunto de regras, e para tal expressão destaca três concepções de gramáticas como:

1. Conjunto de regras *que devem ser seguidas*;
2. Conjunto de regras *que são seguidas*;
3. Conjunto de regras *que o falante da língua domina*.

Para as duas primeiras maneiras de definir “conjunto de regras” referem-se ao procedimento oral e escrito dos membros de uma comunidade linguística, pois se referem à forma como organizam as expressões que utilizam. A terceira refere-se à forma como os falantes organizam mentalmente as expressões.

Diante do exposto, vejamos as três principais definições de gramática consideradas por Travaglia (2006) e Possenti (1996).

1.3.1 Gramática Normativa

Esta gramática é considerada por muitos como a gramática que ensina as regras *do bem falar e do bem escrever*. Essa concepção, de acordo com Travaglia (2006), classificada como gramática normativa, passa a ser entendida como conjunto sistemático de normas para falar bem e escrever, verdade decretada pelos conhecedores da língua, alicerçada pelo dizer daqueles que são considerados como bons usuários da língua pelos bons escritores. Vista assim, apenas uma variedade da língua está em sendo considerada: a norma culta ou padrão, que de acordo com esse entendimento, a gramática ditará o que é *certo* ou *errado* na língua. Isso equivale dizer que se uma oração se apresenta como padrão ela será considerada *certa*, caso contrário *errada*. Possenti (1996) afirma que “para tanto, apresentam um conjunto de regras, relativamente, explícita e relativamente coerentes, que, se dominadas, poderão produzir como efeito o emprego da variedade padrão.”

1.3.2 Gramática Descritiva

Como sabemos, toda língua tem uma estrutura e seu funcionamento. Travaglia (2006) considera-se a chamada gramática descritiva, porque ela faz uma descrição da estrutura e o funcionamento da língua, de sua forma e função. Para o autor, a gramática seria um conjunto de regras nas quais encontraríamos dados que possibilitam a análise da mesma, que sustentam determinadas teorias e métodos.

Nessa concepção, a gramática descritiva privilegia as regras, o que é regular. Isso significaria dizer que pelas ocorrências e recorrências somos capazes de reconhecer, nas expressões de uma língua, as classes, as funções e as relações que entram em sua construção.

Para Possenti (1996, p.64), a gramática descritiva equivale dizer a definição de gramática como sendo um conjunto de regras cuja preocupação é descrever e/ou explicar as línguas como são faladas.

1.3.3 Gramática Internalizada

No nosso cotidiano, temos necessidade de interagir. Logo cedo, no convívio familiar, aprendemos e internalizamos expressões que nos são necessárias e que se adequam à nossa intenção comunicativa. É o que chamamos de gramática internalizada. Nessa concepção de gramática, não há a censura do “certo” ou do “errado”, bastaria entender a adequação linguística para cada situação comunicativa em uso. Dessa forma, para Travaglia (2006), a gramática internalizada seriam regras internalizadas que o falante aprendeu ao longo de seu convívio. Portanto, dominar a gramática da língua, significa dizer que não temos que frequentar escola ou ter escolarização, mas entendimento das construções linguísticas possíveis e compreensíveis nas situações de comunicação.

Na concepção de Possenti (1996), a gramática internalizada refere-se aos conhecimentos que habitam o falante a produzir frases e sequências de palavras de maneira tal que sejam compreensíveis e reconhecidas como pertencendo a uma língua.

De acordo com Possenti, cada uma das definições de gramáticas apresentadas acima corresponde uma concepção diferente e compatível de língua.

Na gramática internalizada os conhecimentos que habilitam o falante a produzir frases ou sequências de palavras são compreensíveis e reconhecidas como pertencendo a uma língua. Esse conhecimento pode ser fundamentado em dois tipos: lexical e sintático-semântico.

Para os PCN, (1998), a gramática aqui é concebida como um instrumento de apoio para a discussão dos aspectos da língua que o professor seleciona e ordena no processo de ensino – aprendizagem

O que deve ser ensinado não responde às imposições de organização clássica de conteúdos na gramática escolar, mas aos aspectos que precisam ser temáticas em função das necessidades apresentadas pelos alunos nas atividades de produção, leitura e escuta de textos. (PCN, 1998.p.29).

Assim, não se justifica tratar o ensino gramatical desarticulado das práticas de linguagem. Em função disso, discute-se se há ou não necessidade de ensinar gramática. Mas, essa é uma falsa questão: a verdadeira é o que, pra que e como ensiná-la.

2 ANÁLISES DOS DADOS OBTIDOS DA TURMA DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Para melhor visualizarmos os resultados deste trabalho, apresentamos, respostas dadas pelos informantes às perguntas do questionário, as análises dessas questões e, logo em seguida, um gráfico interpretativo dessas análises, evidenciando o percentual de cada resposta. Mostrando o desenvolvimento de habilidades e competências frente a sua atuação na aplicação de conteúdo, é considerar a apreensão dos conteúdos pelo aluno, nas situações práticas de ensino, bem como a vivência desses conteúdos nas circunstâncias práticas do dia a dia.

2.1 Análise1. – Você gosta das aulas de Língua Portuguesa?

Nessa pergunta verificamos que **30** alunos gostam das aulas de língua portuguesa alunos, representando um percentual de 67% e **16** dizem não gostar das aulas, num percentual de 33%.

Gráfico 1 – Distribuição em percentual da apreciação das aulas de portuguesa

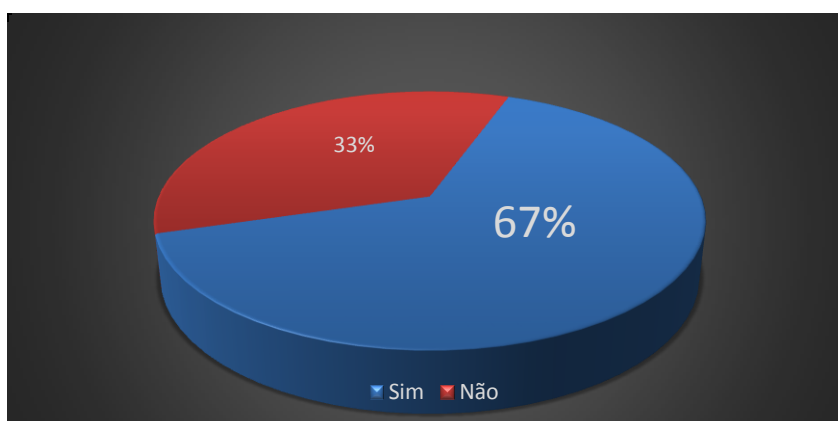


Fonte: Gráfico elaborado pelos autores com base nos dados coletados.

2.2 Análise 2 - O Professor usa exemplos práticos do cotidiano?

Nessa pergunta verificamos que **30** alunos dizem que o professor usa exemplos do cotidiano nas aulas de língua portuguesa, representando um percentual de 67%, e **16** dizem que não usa exemplos nas aulas, num percentual de 33%.

Gráfico 2 – Distribuição em percentual da pergunta se o professor usa exemplos práticos do cotidiano.

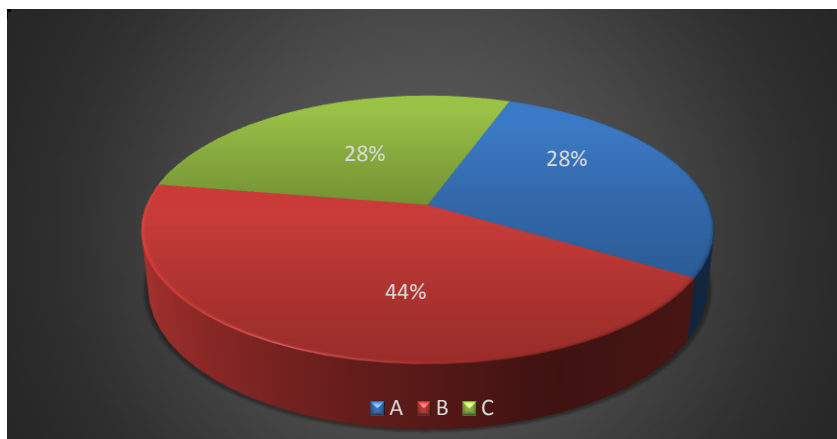


Fonte: Gráfico elaborado pelos autores com base nos dados coletados.

2.3 Análise 3 - O que você aluno acha que deve aprender?

Nessa pergunta verificamos que **13** alunos dizem acham que devem aprender a ler e escrever melhor, representando um percentual de 28%, **20** acham que devem desenvolver habilidades quanto usuários da língua, num percentual de 44% e **13** acham que devem aprender regras gramaticais nomenclaturas, num percentual de 28%.

Gráfico 3 – Distribuição em percentual da pergunta feita o que o aluno acha que deve aprender

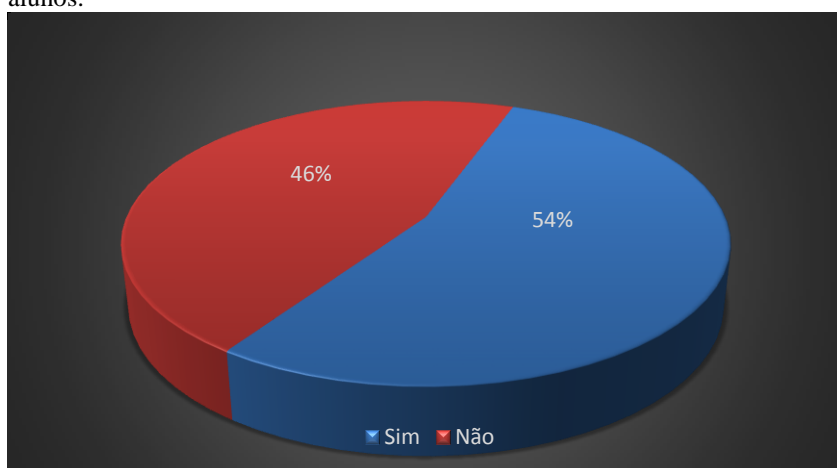


Fonte: Gráfico elaborado pelos autores com base nos dados coletados.

2.4 Análise 4 - O Professor realiza atividades que envolvem os alunos?

Nessa pergunta verificamos que **24** alunos acham que o professor realiza atividades que envolvem os alunos, representando um percentual de 54%, **22** acham que não realiza, num percentual de 46%.

Gráfico 4 – Distribuição em percentual da pergunta feita se o professor realiza atividades que envolvem os alunos.



Fonte: Gráfico elaborado pelos autores com base nos dados coletados.

2.5 Análise 5 -As estratégias de ensino utilizadas pelo(a) professor(a) têm ajudado na aprendizagem de Língua Portuguesa?

Nessa pergunta verificamos que **22** alunos acham que as estratégias têm ajudado na aprendizagem, representando um percentual de 49%, a outro percentual e de 51% **24** de alunos acha que não.

Gráfico 5 – Distribuição em percentual da pergunta feita se as estratégias têm ajudado na aprendizagem.



Fonte: Gráfico elaborado pelos autores com base nos dados coletados.

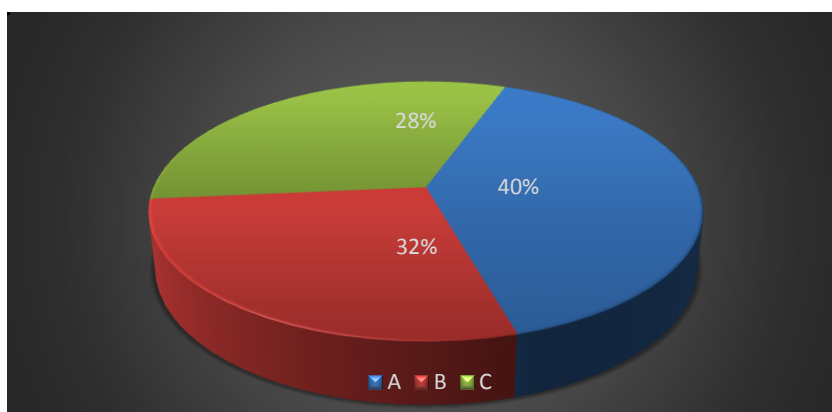
2.6 Análise 6 –A partir dos conhecimentos de sala de aula, defina: Linguagem, Língua e Gramática.

Nessa pergunta verificamos que os professores apresentam um índice satisfatório nas respostas, que tinha como finalidade que professores conceituasse as concepções de linguagem, língua e gramática, no entanto, eles demonstraram desconhecer ou não praticarem nas aulas ensino de língua Portuguesa o conhecimento desses conceitos.

2.7 Análise 7 -Que atividades ou exercícios poderão ser propostos aos alunos para compreenderem conteúdos tais como linguagem, língua e gramática?

Nessa pergunta verificamos que alunos **18** acham que o seminário para apresentação de conteúdo, representando um percentual de 40%, **13** acha a leitura de textos para análise gramatical, num percentual de 28%, **15** outros acham a leitura e produção de textos de diferentes gêneros para a compreensão dos conceitos de linguagem, língua e gramática, num percentual de 32%.

Gráfico 7 – Distribuição em percentual da pergunta feita em relação a que atividades ou exercícios os alunos puderam compreender os conceitos de linguagem, língua e gramática.

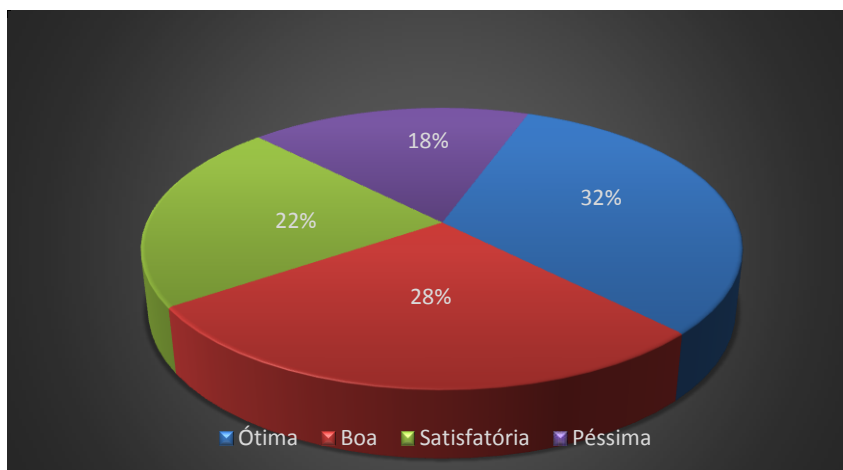


Fonte: Gráfico elaborado pelos autores com base nos dados coletados.

2.8 Análise 8 - Como você avalia sua aprendizagem?

Nessa pergunta tendo-se verificado a auto avaliação, verificamos que alunos **15** acham ótima, representando um percentual de 32%, **13** acha boa, num percentual de 28%, **10** acham satisfatória, percentual de 22% e apenas **8** acha péssima, num percentual de 18%.

Gráfico 8 – Distribuição em percentual em o aluno avalia sua aprendizagem.

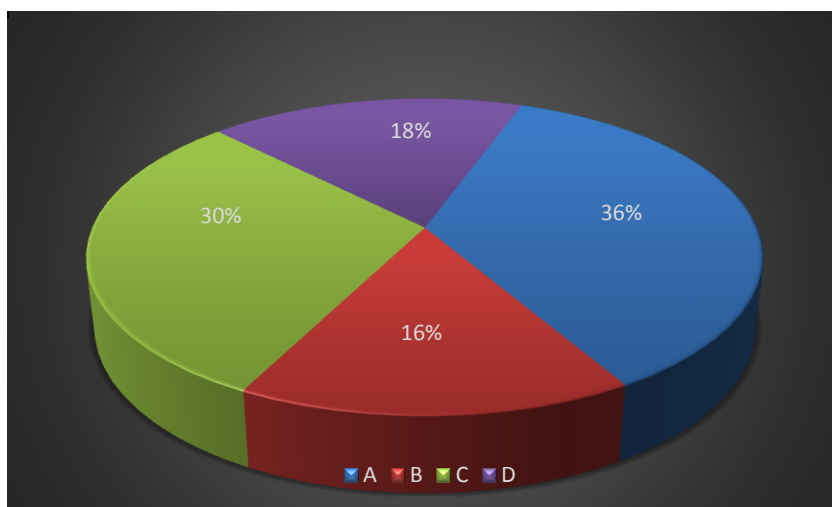


Fonte: Gráfico elaborado pelos autores com base nos dados coletados.

2.9 Análise 9 - Qual a importância do Ensino de Língua Portuguesa?

Nessa pergunta verificamos que na alternativa **A 18** alunos acham que é ler e compreender os diversos tipos de textos, representando um percentual de 36%, na alternativa **B 07** acham que é dominar e ampliar os conhecimentos sobre a norma padrão da língua, num percentual de 16%, na alternativa **C 13** alunos acham que é saber adequar à linguagem nas diferentes situações comunicativas, num percentual de 30% e na alternativa **D 08** alunos acham que é saber falar melhor e produzir bons textos, num percentual de 18%.

Gráfico 9 – Distribuição em percentual da pergunta feita em qual a importância do ensino de língua portuguesa.

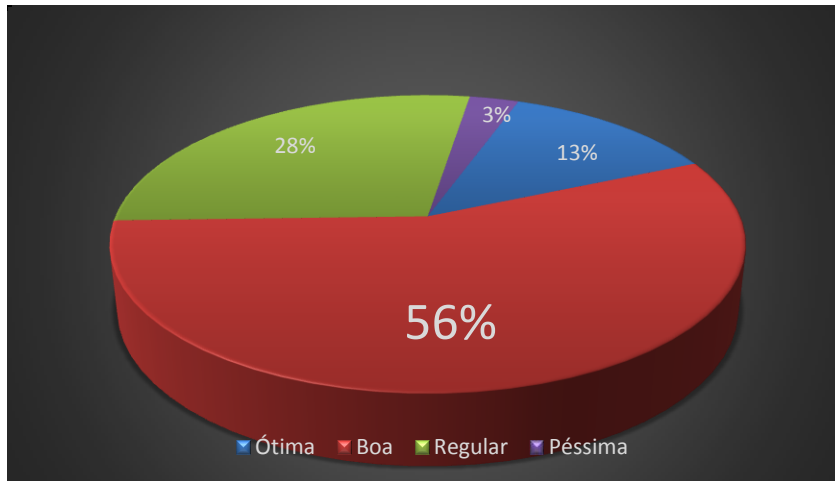


Fonte: Gráfico elaborado pelos autores com base nos dados coletados.

2.10 Análise 10 - Como o professor ensina os conteúdos?

Nessa pergunta tendo-se verificado a auto avaliação, verificamos que **06** alunos acham ótimo, representando um percentual de 13%, **25** acha boa, num percentual de 56%, **13** acha regular, num percentual de 28% e apenas **2** acham péssima a maneira como o professor ensina, num percentual de 3%.

Gráfico 10 – Distribuição em percentual da pergunta feita em como o professor ensina os conteúdos.

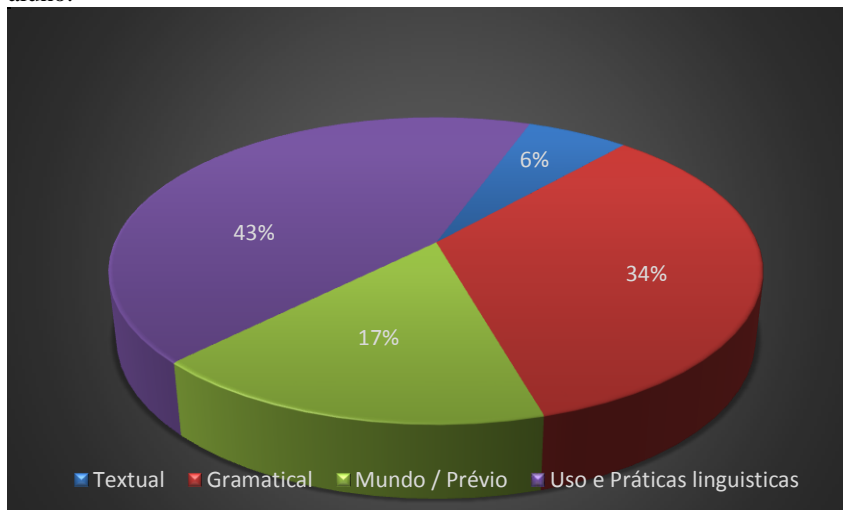


Fonte: Gráfico elaborado pelos autores com base nos dados coletados.

2.11 Análise 11 - O que é mais importante na formação do aluno?

Nessa pergunta tendo-se verificado o que seria mais importante para a formação do aluno, verificamos que **08** alunos acham que é o conhecimento textual, representando um percentual de 6%, **15** acham o conhecimento gramatical, num percentual de 34%, **08** acham conhecimento de mundo, num percentual de 17% e **20** acham o usos e práticas linguísticas, num percentual de 43%.

Gráfico 11 – Distribuição em percentual da pergunta feita em relação à o que é mais importante na formação do aluno.



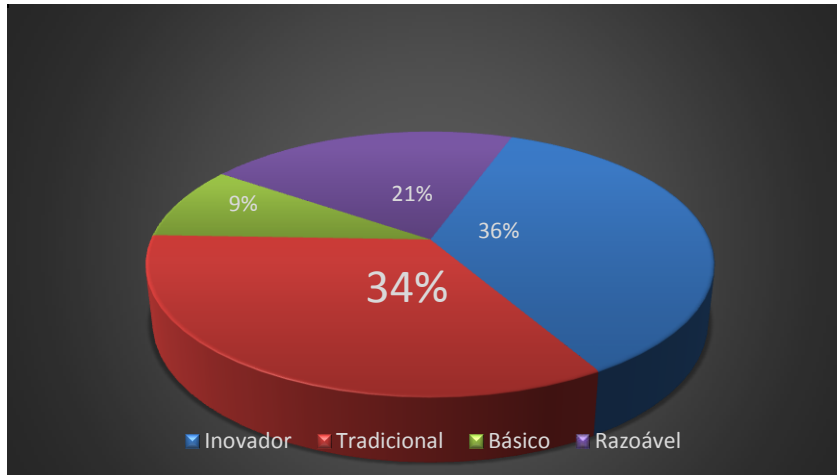
Fonte: Gráfico elaborado pelos autores com base nos dados coletados.

2.12 Análise 12 - Que métodos de ensino utilizado pelo professor?

Essa pergunta mostra como os alunos avaliam o professor ao dar aula. **17** alunos acham que o professor usa método inovador, representando um percentual de 36%, **16** acham

o método tradicional, num percentual de 34%, **04** acham o método básico, num percentual de 9% e **09** acham o método razoável, num percentual de 21%.

Gráfico 12 – Distribuição em percentual da pergunta feita em relação aos métodos de ensino utilizado pelo professor.

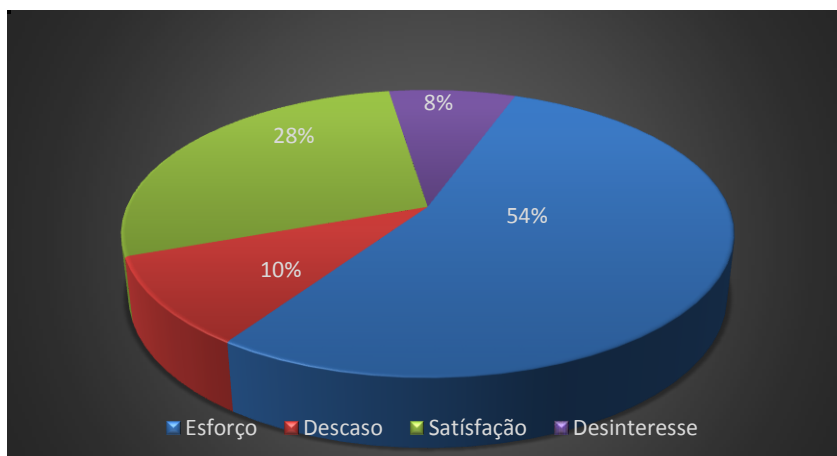


Fonte: Gráfico elaborado pelos autores com base nos dados coletados.

2.13 Análise 13 -No que se refere à participação dos alunos durante as aulas, o (a) professor (a) demonstra:

Nessa pergunta verificamos a participação dos alunos durante as aulas **26** alunos acham que demonstra esforço, representando um percentual de 54%, **04** acham que demonstra descaso, num percentual de 10%, **13** acham satisfatório de 28% e **3** demonstra desinteresse, num percentual de 08%.

Gráfico 13 – Distribuição em percentual da pergunta feita em relação à participação dos alunos nas aulas.



Fonte: Gráfico elaborado pelos autores com base nos dados coletados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao investigarmos as concepções que os alunos do 9 ano teriam a respeito dos conceitos de Linguagem, Língua e Gramática praticados e ensinados em sala de aula na disciplina de língua portuguesa, podemos ainda de forma preliminar constatar e observar

através das respostas dos alunos dois fatores específicos: 1. a dificuldade em estabelecer as diferenças entre as referidas noções; 2. a concepção de gramática parece não apenas sobrepor-se às outras, mas confundir-se com elas. Provavelmente, estas questões sejam resquícios da própria dificuldade entre delimitar aquilo que é da linguagem, da língua e da gramática, além do fato de que, tradicionalmente, a noção de gramática tenha se confundido com elas, não apenas nos livros didáticos ou programas de diretrizes e bases, mas no próprio processo ensino-aprendizagem na sala de aula, marcado, de modo geral, como finalidade básica a aprendizagem de conteúdos desenhados pelo acúmulo e memorização de nomenclaturas gramaticais, em detrimento, ainda, do trabalho com a diversidade de textos e linguagens, bem como da produção de texto.

A partir das análises chegamos à conclusão que esses dois fatores possibilitam uma reflexão dos possíveis equívocos que os professores e alunos tenham com relação ao estudo da disciplina de (LP) em nossas escolas. E muitos dos professores ainda privilegiam, a gramática tradicional, e têm, sim demonstrado dificuldades em conceituar e exemplificar as diferenças no campo da linguagem, língua e gramática defendida pelas correntes que se propõe em estudar e explicar a linguagem.

Constatamos as dificuldades enfrentadas pelos professores quanto ao ensino e dos obstáculos enfrentados pelos alunos para compreenderem os conteúdos propostos nas aulas uma menor apropriação do conhecimento linguístico de uso e de forma mais relevante com aprendizado eficiente e diversificado.

E de possibilitar o prazer do aluno em conhecer e compreender a língua com suas variedades linguísticas e seus usos e não só o fardo de ter de aprender nomenclaturas e suas exceções.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: **Parábola Editorial**, 2003.

GERALDI, W. **O texto na sala de aula**. São Paulo: **coleção na sala de aula**, 2001.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Alínea editora, 2003.

LEITE, Lígia Chiappini de Moraes. Gramática e literatura: desencontros e esperanças. In: GERALDI, W. **O texto na sala de aula**. São Paulo: coleção na sala de aula, 2001.

NEVES, M. H. de M. **Que gramática estudar na escola?** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar Gramática na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 1996. (Coleção leituras no Brasil).

SEF (1998b). **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília, MEC/SEF.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006.